

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A notícia

Class.: 12

Data: 06.09.84

Pg.: 3

Sertanista que morreu passou 10 anos entre índios

Alegre, extrovertido, sempre gostou de trabalhar com os índios. Esse, segundo os amigos e familiares era o sertanista Lindolfo Nobre Filho, acreano, 48 anos, 10 dos quais dedicou a vida na Funai com os índios. Sua esposa, Marieta Nobre e Nobre, chorava muito ontem, depois de saber da morte do marido. Para ela, foi a concretização de um pesadelo que a acompanhava toda vez que o marido viajava.

Quando marcava viagem, Lindolfo era advertido por Marieta sobre o perigo desse trabalho. "Mas ele não desistia. Achava que os índios, com quem mantinha contatos jamais fariam uma maldade com ele", lamentou ela, inconformada com a tragédia que uniu os parentes e amigos no apartamento do casal. Luís Humberto Duarte, funcionário da Funai, que trabalhou com Lindolfo, confirmou o bom relacionamento dele com os índios, principalmente os Kanamari. Dos índios que atacaram os

dois, ele nunca viu, não sabe quem são.

O delegado da Funai, Aldo Costa, foi à casa de Marieta e segundo ela, nem conseguiu contar sobre o massacre. Confirmada a notícia da morte de Lindolfo, a tristeza tomou conta da família que chorava muito e lamentava o massacre. Segundo Aldo, ele é o sexto funcionário da Funai a morrer naquela área. Mas a nota procedente de Brasília (ver abaixo) diz que essa é a nova vítima.

Os amigos, como Luís Humberto, disseram que jamais passou pela cabeça de Lindolfo, que pudesse ocorrer um incidente dessa natureza. Para a esposa dele, apenas as fotos no acampamento e a lembrança de que a coisa que Lindolfo mais gostava foi responsável pelo fim de sua vida.

A outra vítima, João Praia Caldas, servia a Companhia Brasileira de Geofísica, na prospecção de petróleo naquela área.